

**NATUREZA, NATURAL** (ἦλ, γένεσις, φύσις, φυσικός, ψυχικός). Não existe qualquer materialização ou personificação da natureza na Bíblia, como encontrado comumente na filosofia grega, nem em lugar nenhum a enunciação de uma cosmologia ampliada, pois o AT e o NT falam em termos das causas finais e não secundárias, e compreende a criação principalmente como um ambiente para a redenção. Nas Escrituras, o mais próximo à natureza que se pode chegar como entidade separada, funcionando automaticamente, é a declaração “foram acabados os céus e a terra e todo o seu exército” de Gênesis 2.1, com referência à totalidade da criação de Deus (a LXX traduz ἦλ como ὁ κόσμος), a afirmação de Paulo em Romanos 1.26 com respeito à mudança do curso da “natureza” (φύσις), e o apelo do apóstolo em 1 Coríntios 11.14: “Não vos ensina a própria natureza (ἡ φύσις αὐτή)?”. A ênfase das Escrituras é no fato de que (a) Deus o Pai é Criador, Sustentador e Soberano Governador de tudo (Gn 1; 2; Is 44.24; Am 4.13); (b) Deus é onipresente em tudo que criou (Sl 139.7-12); (c) Cristo o Filho também deve ser chamado de Criador, Sustentador, e Soberano Governador (Jo 1.3; Cl 1.16,17; Hb 1.10-12); (d) a ordem e a beleza do universo refletem e proclamam a existência, sabedoria e poder de Deus (Jó 38.4–39.30; Sl 8.1-4; 19.1-6; 104.1-32; 136.6-9; Pv 8.22-31; Rm 1.19,20); e (e) pode-se aprender sobre a generosidade e o cuidado de Deus com a natureza, ao considerar-se as provisões e o interesse de Deus para com o homem (Mt 6.25-34; Lc 12.22-31).

Das palavras que são frequentemente traduzidas como “natureza” e “natural”, φύσις denota (a) uma condição, um dom, ou posição herdada dos ancestrais de alguém, como no que se refere àqueles que “por natureza” são judeus (Gl 2.15), pagãos (Rm 2.27), “filhos da ira” (Ef 2.3), ou os ramos “naturais” e “selvagens” da oliveira (Rm 11.21,24) (b) características inatas e disposições instintivas, como de falsos deuses (Gl 4.8), homens (Rm 2.14; Tg 3.7b), ou mesmo Deus (2Pe 1.4); (c) a ordem estabelecida na natureza, como as relações sexuais (Rm 1.26b) e o decoro (1Co 11.14); e (d) uma criatura ou produto da natureza (Tg 3.7a). Em Deuteronômio 34.7 ἦλ tem a conotação de vigor, geralmente associada com a juventude e é proveniente da ideia de “frescor” ou “umidade”. O adjetivo φυσικός é empregado com referência aos instintos naturais do homem (Rm 1.26,27) e, em um sentido depreciativo, somente aos instintos naturais (2Pe 2.12). O substantivo γένεσις denotando nascimento, é usado por Tiago como uma locução para a existência física (Tg 1.23; 3.6). E o adjetivo ψυχικός significa a vida do mundo natural e tudo que pertence a ele, sempre para ser contrastado com o mundo sobrenatural e aquele que pode ser caracterizado como pertencendo ao Espírito (1Co 2.14; 15.44-46; Tg 3.15; Jd 19). É neste último sentido teológico e ético que a palavra vem à sua expressão distintiva na Bíblia, identificando o estado do homem como ele é em “Adão” e servindo como patamar para a completa redenção provida por Deus “em Cristo”. O advérbio γένσιως, tendo perdido seu sentido etimológico no período Koiné, é melhor traduzido como “genuinamente” ou “sinceramente” (Fp 2.20).

BIBLIOGRAFIA. E. Griffith-Jones, “Nature and Natural Phenomena,” *HDCG* (1908), II, 233-235, W. F. Arndt and F. W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (1957); M. H. Cressey, “Nature,” *NBD* (1962), 869, 870.

R. N. LONGENECKER

*Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã*